



# Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

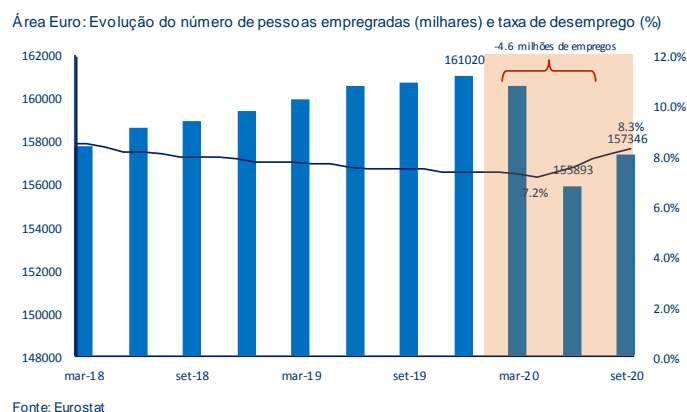
# 1. Economia e Mercados Financeiros

## 1.1 Economia

A divulgação de indicadores económicos menos favoráveis foi compensada pelas notícias positivas em torno dos resultados de duas das vacinas atualmente em fase 3: da Pfizer/BioTech e da Moderna/Oxford. O sentimento dos investidores beneficiou ainda com a perspetiva de uma combinação Presidência-Congresso nos EUA favorável aos mercados.

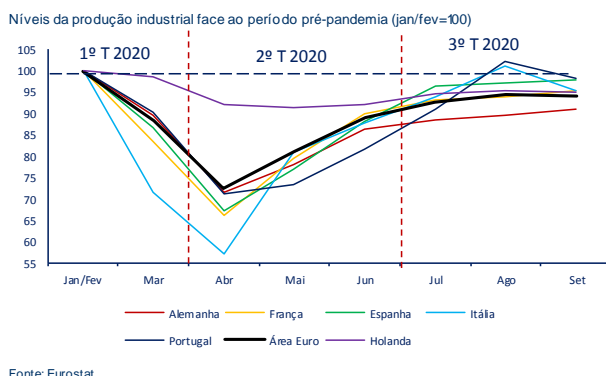
Em **Portugal**, de acordo com a segunda estimativa rápida publicada pelo INE, o **crescimento do PIB** relativo ao terceiro trimestre foi revisto em alta de 13.2% para 13.3%, resultado que traduziu os efeitos da reabertura gradual da economia durante os meses de verão, e que se deveu ao contributo positivo da procura interna (10.6 p.p.) e da procura externa líquida (2.7 p.p.), dado que o crescimento das exportações (38.8%) suplantou o das importações (26.1%).

Na **Área Euro**, segundo o Eurostat, o número de **pessoas empregadas** aumentou 0.9% no terceiro trimestre de 2020, em comparação com o trimestre anterior, quando contraiu 2.9%. Este aumento foi o mais acentuado desde o início da atual série, embora tenha ocorrido após uma queda igualmente histórica em resultado da pandemia de *Covid-19*. Em comparação com o mesmo trimestre de 2019, o emprego diminuiu 2.0%, após -3.1%. Face ao nível observado no final de 2019, o emprego encontra-se atualmente cerca de 2.2% abaixo. O Eurostat na estimativa de 45 dias, reviu o **crescimento do PIB** da Área Euro em cadeia em +0.1 p.p., para 12.6%.



Na **Área Euro**, a **produção industrial** registou uma redução mensal de 0.4% em setembro, após o ganho de 0.6% no mês anterior, o que corresponde à primeira queda desde abril. Este resultado deve-se principalmente às quedas significativas em **Itália** (-5.6%) e na **Irlanda** (-4.7%). Importa salientar que em ambos os países registaram-se ganhos muito significativos entre junho e agosto. Excluídos os resultados destes dois países, a produção industrial da Área Euro teve inclusive um ganho de 1.0%, mantendo-se assim a tendência de retoma iniciada em maio. A produção industrial na região encontra-se ainda 6.1% abaixo do nível de janeiro-fevereiro. A dispersão entre países permaneceu elevada. Entre as principais economias, apesar do incremento de 1.7%, a atividade na **Alemanha** encontra-se ainda 9.1% abaixo do registo de pré-pandemia. No caso da **França** (1.5%), como em Itália, a produção industrial situa-se 4.6% abaixo dos registos pré-*Covid*. Em **Espanha** (0.6%) e em **Portugal** (-3.8%), a atividade no setor encontra-se 2.3% e 1.7% abaixo da média dos dois primeiros

meses do ano.



Do **Boletim Económico do BCE** de novembro publicado esta semana destacam-se três conclusões: (i) a economia da Área Euro registou uma forte recuperação no 3º T, mas deverá sofrer um abrandamento ou mesmo uma queda no 4ºT, (ii) a Espanha é a economia mais vulnerável em termos de emprego e do investimento das empresas e (iii) tão importante como os programas de assistência dos governos, será a estratégia para a sua retirada, tendo o banco central advertido para os riscos que poderão surgir caso a retirada seja prematura.

Nos **EUA**, o número de **pedidos iniciais de subsídio de desemprego** (*Initial Jobless Claims*) diminuiu para 709 mil (valor anualizado) na semana terminada a 7 de novembro, após 757 mil na semana anterior. O valor corresponde à leitura mais baixa desde o final de março, ainda que permaneça muito acima dos níveis pré-pandemia. De acordo com a *University of Michigan*, a **confiança dos consumidores** diminuiu para 77.0 pontos em novembro, após 81.8 em outubro, a leitura mais baixa desde agosto devido ao contributo negativo da componente *Expetativas*, enquanto a rubrica relativa às condições económicas atuais permaneceu inalterada.

No **Reino Unido**, o PIB registou uma recuperação no terceiro trimestre, tendo crescido 15.5%, em cadeia, após a queda de 19.8% no trimestre anterior. Em valor absoluto, o PIB manteve-se 9.7% abaixo do observado no quarto trimestre de 2019, denotando uma evolução mais fraca do que as restantes principais economias europeias.

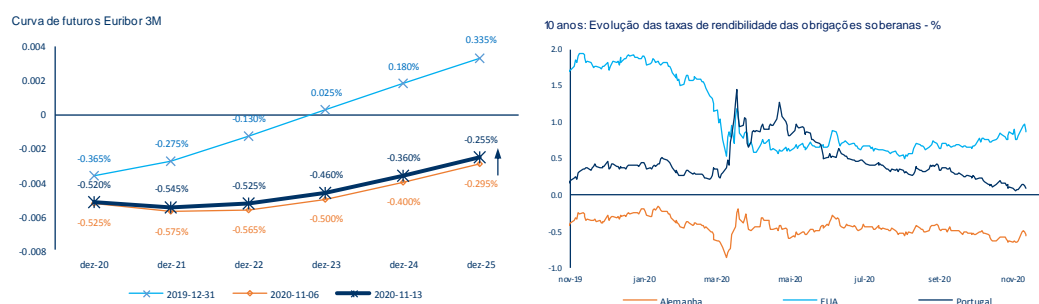
## 1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, dia 13 de novembro, às 12h00)

Nos mercados financeiros, a última semana iniciou-se com um movimento de valorizações muito acentuadas e de maior exposição ao risco, face à combinação de eventos positivos, nomeadamente o anúncio dos resultados eleitorais nos EUA e, sobretudo, a divulgação de uma taxa de sucesso de 90% por parte da *Pfizer* no que concerne à sua vacina em fase 3. O excesso de otimismo foi-se atenuando nos dias seguintes, sobretudo depois de declarações mais cautelosas quanto à recuperação económica por parte da presidente do BCE, C. Lagarde.

No **mercado monetário** registou-se uma ligeira subida das taxas Euribor nos prazos de 6 e 12 meses pela segunda semana consecutiva, desta feita de 0.9 e 1.4 p.b., fixando-se em -0.503% e -0.469%, respetivamente. Depois do forte movimento de descida desde abril, os investidores aguardam uma melhor certeza quanto à retoma da economia europeia e uma possível pausa da atual política monetária mais acomodatória, cuja expectativa é ainda de aumento de estímulos até ao final do ano (reunião de dezembro). Nos restantes prazos, as taxas ficaram inalteradas. Já quanto à curva de futuros referente à Euribor a 3M, observou-se uma ligeira subida.

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** iniciaram a semana com fortes subidas, fruto da alteração de posicionamento dos investidores que se afastaram de classes mais defensivas face à perspetiva de maior estabilidade política. O aumento foi, em média, de cerca de 10 p.b. nas taxas de juro a 10 anos dos países *core*.

No entanto, as *yields* europeias reagiram em baixa ao tom mais cauteloso por parte do BCE a meio da semana, revertendo parte do movimento de segunda-feira, tendo terminado a semana com incrementos compreendidos entre 0.7 p.b. em Portugal (0.09%) e 6.9 p.b. na Alemanha (-0.55%), com o *spread* entre ambos a estreitar para 64 p.b., o mínimo desde a 1ª quinzena de janeiro deste ano. Nos EUA, as *yields* a 10 e a 30 anos tiveram um comportamento semelhante às europeias, chegando a atingir uma variação positiva de 15 p.b. a meio da semana, mas revertendo quase a totalidade, encerrando a subir 6.0 e 3.0 p.b., respetivamente.



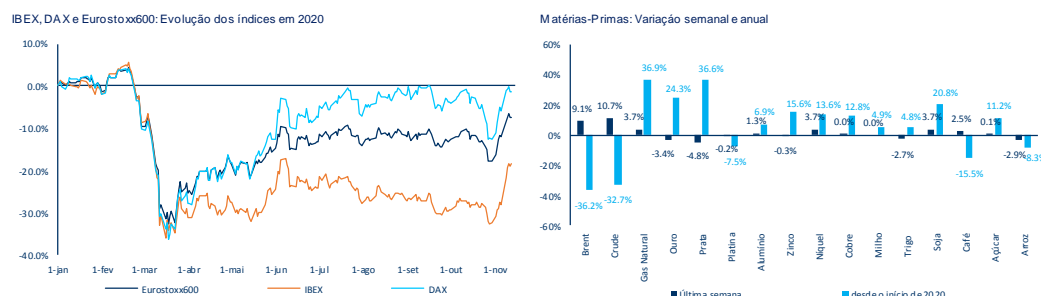
As **ações** foram a classe de ativos mais beneficiada com os resultados das eleições norte-americanas, a par dos avanços de uma vacina para a *Covid-19*. A perspetiva de um retorno à “normalidade” em 2021, com a previsível comercialização da vacina já no final deste ano, propiciou fortes valorizações no primeiro dia da semana, que atingiram quase 3% no *Dow Jones* nos EUA e cerca de 8% em alguns índices europeus, como o *IBEX* espanhol e o *CAC* francês. Em contraste, merece destaque a correção de 1.5% do *NASDAQ*, sinal de rotação de carteiras.

O *Eurostoxx600* (+5.1%) também não oscilou desde o forte impulso inicial, enquanto os periféricos *IBEX* espanhol e *PSI20* português registavam ganhos de 12.8% e 7.6%%.

O *MSCI emergentes* subiu somente 0.5%, devido em grande parte à variação negativa de 0.1% no *Shanghai* chinês.

Nos **mercados cambiais**, o *dólar* efetivo registou uma apreciação de 0.7% num contexto de maior estabilização política e económica, traduzido na menor procura por ativos de refúgio, caso do *iene*, que depreciou-se 1.5% face ao *dólar*.

Nas **matérias-primas**, o *brent* e o *crude* valorizaram de forma acentuada na semana (9.1% e 10.7%) devido às expetativas de aumento da procura em setores como os transportes e viagens encerrando em \$42.4 e \$41.1/barril. Em contrapartida, o ouro desvalorizou 3.4%, para \$1885/onça.



## 2. Temas da semana

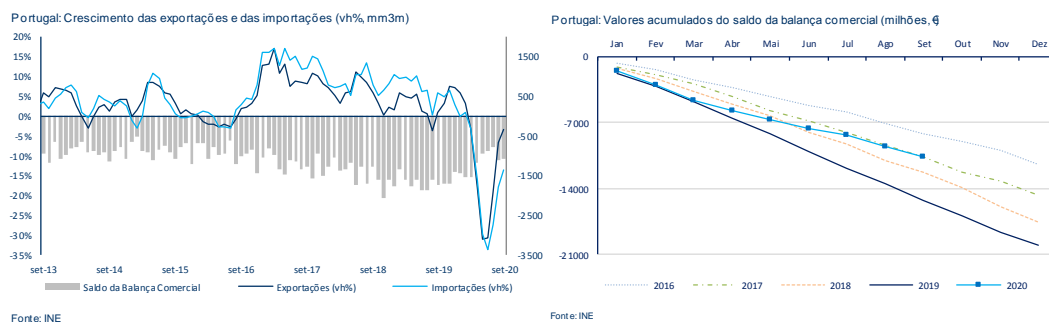
### 2.1 Portugal - Estatísticas do Comércio Internacional - setembro de 2020

O INE divulgou esta semana o relatório mensal relativo às **Estatísticas do Comércio Internacional** referente a setembro de 2020.

As **exportações** e as **importações** de bens registaram decréscimos de 0.4% e 9.9%, em termos homólogos, após -1.9% e -10.4% no mês anterior. No que concerne às importações, as principais quedas foram observadas nas categorias de *Combustíveis e lubrificantes* (-39.4%) e de *Material de transporte* (-19.9%), em particular *Outro material de transporte*, relacionado sobretudo com a aviação. Em termos das exportações, é necessário realçar o crescimento das *Máquinas e outros bens de capital* (+12.1%) e dos *Produtos alimentares e bebidas* (+5.2%). Expurgado o efeito dos *Combustíveis e lubrificantes*, as exportações aumentaram 0.2%, enquanto as importações diminuíram 5.8%. No terceiro trimestre do ano, as exportações e as importações de bens diminuíram 3.3% e 13.8%, respetivamente, face ao trimestre homólogo de 2019.

A evolução da pandemia de *Covid-19* originou uma retração acentuada da procura interna. Este efeito é visível quando se observa a queda menos acentuada das exportações (procura externa), em comparação com a evolução das importações (procura interna). A categoria de importações de *Produtos alimentares e bebidas* foi a única que registou, no período de janeiro a setembro de 2020, acréscimos face ao período homólogo.

O défice da **balança comercial** de bens melhorou em €643 milhões face ao mesmo mês do ano anterior, fixando-se em €1088 milhões em setembro. No conjunto do ano, observou-se uma melhoria significativa deste saldo, com o valor acumulado do défice nos primeiros nove meses a ascender a €10.5 mil milhões, inferior aos -€15.2 mil milhões no período homólogo de 2019.



Considerando os principais países de destino pertencentes à UE (pesos de 2019), salienta-se a queda nos primeiros nove meses do ano, face ao período homólogo, das exportações para Espanha (-10.3%) e para a Alemanha (-13.5%), em face dos respetivos pesos, assim como para o Reino Unido (-20.6%). Nas importações registaram-se decréscimos em todos os parceiros, destacando-se a França (-39.9%), a Alemanha (-16.2%) e a Itália (-16.8%).

Fora da UE, a quebra das exportações foi particularmente abrupta no caso de Angola (-60.3%), enquanto entre os principais países fornecedores, registou-se apenas um crescimento das importações, neste caso com a China (1.2%), em parte associado às importações de material médico

e tecnológico de apoio ao teletrabalho, sendo ainda de assinalar a queda muito substancial das compras à Rússia (-61.0%) e aos EUA, embora neste caso em menor dimensão (-20.3%).

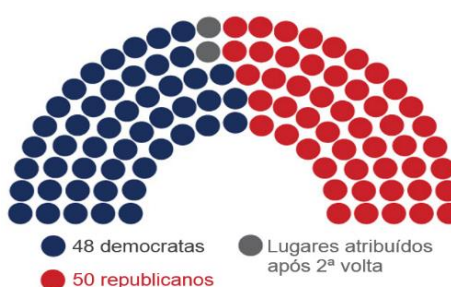
EXPORTAÇÕES POR PAÍSES E ZONAS ECONÓMICAS					EXPORTAÇÕES POR PAÍSES E ZONAS ECONÓMICAS				
PAÍSES E ZONAS ECONÓMICAS	Valor acumulado até o mês de referência				PAÍSES E ZONAS ECONÓMICAS	Valor acumulado até o mês de referência			
	milhões, €			Variação homóloga		milhões, €			Variação homóloga
	set-20	set-19	Variação	%		set-20	set-19	Variação	%
<b>PRINCIPAIS PAÍSES CLIENTES EM 2019:</b>					<b>PRINCIPAIS PAÍSES CLIENTES EM 2019:</b>				
ESPAÑA	9,833	10,961	-1128	-10.3	ESPAÑA	9,833	10,961	-1128	-10.3
FRANÇA	5,320	5,786	-466	-8.1	FRANÇA	5,320	5,786	-466	-8.1
ALEMANHA	4,693	5,427	-734	-13.5	ALEMANHA	4,693	5,427	-734	-13.5
REINO UNIDO	2,132	2,685	-552	-20.6	REINO UNIDO	2,132	2,685	-552	-20.6
ESTADOS UNIDOS	1,967	2,241	-274	-12.2	ESTADOS UNIDOS	1,967	2,241	-274	-12.2
ITALIA	1,670	2,018	-348	-17.3	ITALIA	1,670	2,018	-348	-17.3
PAÍSES BAIXOS	1,465	1,756	-291	-16.6	PAÍSES BAIXOS	1,465	1,756	-291	-16.6
BÉLGICA	928	1,036	-108	-10.5	BÉLGICA	928	1,036	-108	-10.5
ANGOLA	349	878	-529	-60.3	ANGOLA	349	878	-529	-60.3
POLÓNIA	521	597	-77	-12.9	POLÓNIA	521	597	-77	-12.9
<b>TOTAL UNIÃO EUROPEIA (27 ESTADOS-MEMBROS)</b>	<b>27,851</b>	<b>31,582</b>	<b>-3,731</b>	<b>-11.8</b>	<b>TOTAL UNIÃO EUROPEIA (27 ESTADOS-MEMBROS)</b>	<b>27,851</b>	<b>31,582</b>	<b>-3,731</b>	<b>-11.8</b>
<b>TOTAL EXTRA-UE (27 ESTADOS-MEMBROS)</b>	<b>11,038</b>	<b>12,941</b>	<b>-1,903</b>	<b>-14.7</b>	<b>TOTAL EXTRA-UE (27 ESTADOS-MEMBROS)</b>	<b>11,038</b>	<b>12,941</b>	<b>-1,903</b>	<b>-14.7</b>

## 2.2 Eleições presidenciais e legislativas nos EUA – Implicações económicas

O passado dia 3 de novembro correspondeu ao último dia de votação no âmbito do processo eleitoral norte-americano para definição da constituição dos órgãos legislativos Senado (câmara alta) e Casa dos Representantes (câmara baixa) e da Presidência (Casa Branca). De acordo com os resultados ainda provisórios, o candidato democrata Joe Biden deverá tomar posse como o 46º Presidente no próximo dia 20 de janeiro. No Congresso, os democratas deverão manter a maioria na Câmara dos Representantes, enquanto, pelo menos para já, os Republicanos continuarão a dominar o Senado.

Com o controlo da câmara baixa praticamente definido, e embora o candidato republicano ainda não tenha reconhecido a derrota para a Presidência, boa parte das atenções estão voltadas para o Senado, em concreto para a atribuição dos 35 lugares (do total de 100) que foram alvo de escrutínio e cujo resultado terá uma grande influência na governabilidade do candidato presidencial que for designado pelo Colégio Eleitoral até ao próximo dia 8 de dezembro.

O Senado tem sido nos últimos anos dominado pelo Partido Republicano. Após o ato eleitoral recente, ficaram por atribuir dois lugares que serão objeto de duas segundas voltas. Estas irão decorrer no Estado da Geórgia no próximo dia 5 de janeiro. O resultado é extremamente importante para viabilizar os pontos principais da agenda do futuro Presidente. Em caso de uma divisão do Senado (50 senadores democratas e 50 senadores republicanos), a Lei concede ao Vice-Presidente o voto de desempate nas futuras votações.



Apesar da expectável divisão entre o poder legislativo e o poder executivo, a reação dos investidores foi positiva. Na lógica destes, por um lado a confirmação do candidato democrata como Presidente abre portas a um desanuviamento em termos das relações comerciais com os principais parceiros dos norte-americanos, enquanto por outro lado, o controlo do Senado pelos republicanos evita a redução dos impostos e a reversão da desregulamentação em diversos setores (ex. financeiro).

Os candidatos presidenciais diferem substancialmente no que diz respeito aos planos de política económica. Ambos, Trump e Biden, pretendem naturalmente impulsionar o crescimento económico e reduzir o desemprego. As suas abordagens são, no entanto, radicalmente diferentes. Donald Trump pretende continuar a fazer crescer a economia através da redução de impostos e da regulamentação, enquanto Joe Biden pretende alcançar isso mesmo por meio de maiores gastos e investimentos do governo. A proposta de Trump para o crescimento foi aplicada e visível durante o seu primeiro mandato. Como Presidente decretou cortes significativos de impostos e desregulamentação. Num segundo mandato pretendia preservar esses cortes de impostos e ir ainda mais longe.

Em contrapartida, Biden quer aumentar impostos para empresas e famílias com rendimento mais elevado, obtendo uma receita extra para financiar (parcialmente) o maior investimento do governo em energia limpa, a melhoria das infraestruturas e o aumento dos gastos com educação, saúde, creches e segurança social. Enquanto os republicanos colocam maior ênfase na prudência fiscal e pretendem cortar gastos públicos, a redistribuição de rendimentos é claramente um objetivo da agenda democrata.

Quais os impactos que as agendas económicas dos dois candidatos poderão ter sobre a evolução de algumas das variáveis económicas? Em termos do crescimento económico, as projeções de crescimento não deveriam sofrer um ajustamento tão significativo numa Administração Trump como numa Administração Biden, durante a qual se antecipa um aumento do ritmo de crescimento, mas também do rácio da dívida pública para cerca de 160% do PIB. Outros dois aspetos a esperar correspondem, por um lado, ao expectável incremento dos impostos e, por outro, ao aumento e melhoria do ambiente do comércio externo. No curto prazo, a política económica de Biden poderá beneficiar o desempenho do mercado de trabalho uma vez que as medidas adicionais de apoio ao emprego poderão ter um impacto mais que compensador das consequências desfavoráveis do aumento do rendimento mínimo.

No final de 2019, o rácio da dívida pública encontrava-se em 106.7% do PIB. Antevê-se que a deterioração do rácio seja mais pronunciada no caso de uma Administração Biden do que Trump. Ao nível do mercado de trabalho, a principal diferença sucede no curto prazo, onde ao abrigo de uma Administração Biden o desemprego deveria diminuir nos primeiros anos antes de aumentar posteriormente devido ao incremento dos impostos sobre empresas; estes efeitos seriam inexistentes caso Trump tivesse sido reeleito. Ao nível do comércio externo, o maior crescimento económico prospetivado sob uma Administração democrata significará uma deterioração ainda mais acentuada do saldo da balança comercial norte-americana, fragilizando o valor externo do dólar.

## 2.3 Mercados Financeiros – Resultados das eleições nos EUA e anúncio da vacina Pfizer

Encerrado o período eleitoral nos EUA no dia 3 de novembro, embora não tenham sido ainda anunciados os resultados finais, os investidores reagiram de forma positiva aos indícios de uma combinação Joe Biden Presidente e controlo do Senado pelo Partido Republicano. Esta combinação permitiria, por um lado, reduzir as tensões comerciais entre os EUA e os seus parceiros e, por outro, manter os cortes de impostos decretados pela anterior Administração norte-americana.

Para lá do reforço desta expectativa, no dia 9, segunda-feira, assistiu-se a uma sessão de euforia nos mercados financeiros e de aumento de exposição ao risco em detrimento das classes de ativos mais defensivas devido às boas notícias sobre o desenvolvimento das vacinas. Nessa manhã, a empresa norte-americana *Pfizer* e a parceira alemã *BioTech* anunciaram uma taxa de sucesso de 90% da sua vacina com base nos seus ensaios de fase 3, tendo entretanto solicitado autorização à FDA (*Food and Drug Administration*) nos EUA para iniciar a sua produção e comercialização.

Este anúncio contribuiu para um significativo aumento do otimismo entre os investidores, em termos globais, ainda que a perspetiva do prolongamento de novas medidas de confinamento continue a afigurar-se como um pronúncio de um novo período de contração das principais economias. O aumento das medidas restritivas necessárias para conter a atual segunda vaga da pandemia terá ainda custos muito elevados e prolongados, até que a vacinação seja disponibilizada às populações de forma massificada.

O posicionamento dos investidores tem-se traduzido numa aparente inversão e rotação de carteiras de investimento, com substituição de classes de ativos, ou com alocações setoriais distintas. A primeira reação revelou-se ao nível das matérias-primas através uma forte subida do petróleo (+6.2% na cotação do *crude*) enquanto o ouro perdeu 4.5% no mesmo dia, sendo este o efeito inicial da provável redução do risco no futuro mais próximo, tendo em conta o facto de poder vir a estimular diversos setores da economia, principalmente o transporte terrestre e o aéreo, bastante afetados pela pandemia, ainda que qualquer retoma deva acontecer gradualmente.

A maior apetência por risco traduziu-se, em sentido contrário, numa quebra da procura por ativos de refúgio, caso do ouro, ou do *iene* e do *franco suíço* (face ao *dólar*). Em simultâneo, as taxas de rendibilidade das obrigações de dívida soberana subiram de forma acentuada, em contraste com a forte valorização da maioria dos índices acionistas, descontando mais receitas futuras e a reversão dos comportamentos dos consumidores.

As taxas de juro a 10 anos subiram entre 10 a 12 p.b. nos países *core*, como a Alemanha, a França e os EUA, assim como nos periféricos europeus, caso de Portugal (+7.1 p.b.). Em sentido contrário, a dívida dos países emergentes foi beneficiada, como é exemplo a *yield* do Brasil que desceu 11.7 p.b. no início da semana, acumulando já uma redução superior a 50 p.b. desde as eleições norte-americanas.

EUA: Evolução dos principais índices acionistas (%) e índice volatilidade S&P500, 2020



Obrigações soberanas e de empresas: 10 anos e Spreads de CDS





Nas obrigações de dívida *corporate*, a redução do nível de aversão ao risco, medido pelos índices de volatilidade das ações, e as perspetivas mais benignas quanto à capacidade financeira futura das empresas, traduziu-se numa descida dos *spreads* a que as empresas se financiam, devido às perspetivas mais favoráveis.

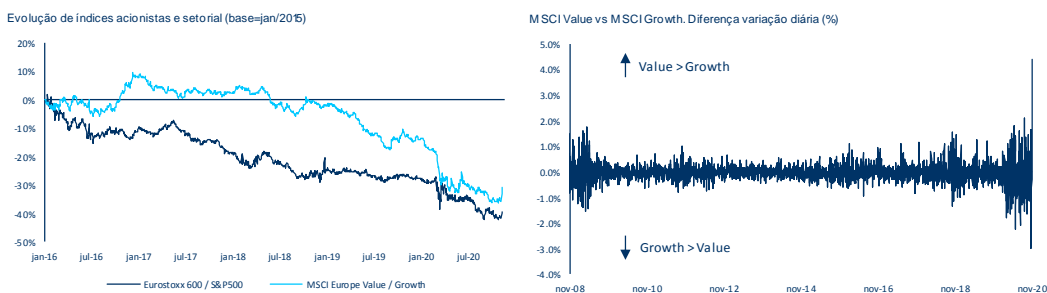
O índice de dívida sénior “*Main*” (empresas europeias com melhor *rating*) e o índice “*Crossover*”, que inclui as empresas mais “líquidas” com *rating* abaixo de *investment grade*, desceram para os mínimos desde março e fevereiro respetivamente, com variações de -10 p.b. e -56 p.b. desde o dia 3 de novembro. No setor financeiro, a situação foi semelhante, caindo para os mínimos do ano, após os índices de dívida senior e subordinada terem estreitado 14 p.b. e 29 p.b., respetivamente.

O aumento das expetativas que a pandemia possa terminar durante o próximo ano, ainda que com maior probabilidade durante o segundo semestre, será fundamental para concretizar a retoma na totalidade da atividade económica. Neste contexto de recuperação, é natural que os índices dos países que têm sido mais afetados pela pandemia venham a apreciar mais no curto prazo.

Exemplo disso, os índices de alguns países europeus terminaram a sessão de segunda-feira com ganhos de 8.6%, no caso do *IBEX* espanhol, e 7.6%, no caso do *CAC* francês. Para Espanha, a Comissão Europeia estima a contração mais severa da AE (-12.4% em 2020 face à média de -7.8% da região) encontrando-se o país atualmente a atravessar o segundo confinamento mais severo a nível europeu.

Alguns setores associados à economia mais “tradicional” e com menor elasticidade saíram beneficiados, depois de registarem os efeitos mais negativos derivados dos bloqueios implementados e envoltos em receios de insolvência. Foram os casos das empresas energéticas (+8.7% desde o dia das eleições e até dia 9), do comércio de retalho (+8.1%), da indústria transformadora (+7.7%), do setor bancário (+10.5%) ou do setor de media (+11.1%).

Em contrapartida, alguns títulos associados à “nova economia”, geralmente empresas inseridas no setor da tecnologia e que beneficiaram de ganhos significativos desde março, registaram quedas fortes. Este diferencial de desempenho é ilustrado na diferença das variações diárias entre o *MSCI Value* e *MSCI Growth*, que atingiu a maior diferença de sempre da série (+4.4%).



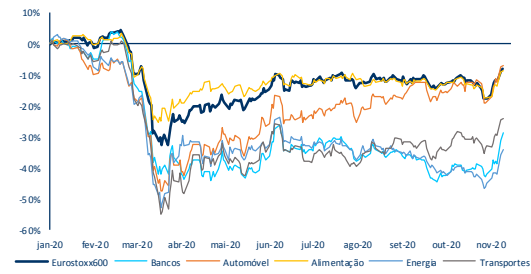
Nos EUA, a alteração das estratégias de investimento por parte da maioria dos investidores repercutiu-se igualmente na divergência entre o desempenho do *Dow Jones*, índice constituído pelas 30 maiores empresas norte-americanas (transversal a toda a economia) e o *NASDAQ*, constituído por cerca de 3300 empresas tecnológicas, que encerraram a sessão a subir 2.9% e a descer 1.5%, respetivamente.

No caso das empresas tecnológicas, o setor tem tido em 2020 o melhor desempenho comparativo, com o *NASDAQ* a acumular uma valorização de cerca de 30% contra 10% do *S&P500*. Algumas empresas de maior capitalização, como as *FAANG* (*Facebook, Amazon, Apple, Netflix e Google*) que valorizaram quase 80% até setembro, sofreram desta feita correções, que chegou a atingir 13% no caso da *Netflix*.

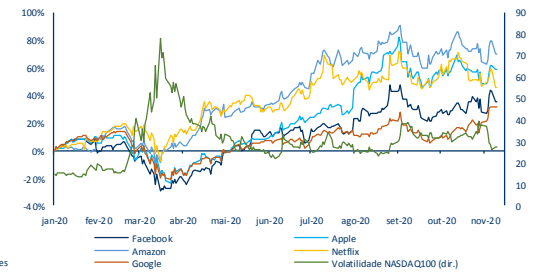
A antecipação da alteração de padrões de comportamento e consumo em 2021 após a notícia da vacina, tem conduzido os investidores a realizarem mais-valias nos setores que se valorizaram com

o aumento significativo de compras online e os períodos de confinamento, face à impossibilidade de mobilidade na altura.

Evolução da cotação do Eurostoxx600 e setores (2020, %)



EUA: Evolução dos títulos tecnológicos FAANG (%) e da volatilidade do índice Nasdaq100, 2020



## 3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, dia 13 de novembro, às 12h00)

### MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):		Variação (p.p.):			Tendência		
	13-nov-20	6-nov-20	semana	1 mês	2020	Semana	1 mês	2020
<b>EURIBOR Act/360 dias</b>								
1 mês	-0.533	-0.533	0.000	0.002	-0.095	→	↑	↓
3 meses	-0.514	-0.513	-0.001	-0.006	-0.131	↓	↓	↓
6 meses	-0.503	-0.512	0.009	-0.020	-0.179	↑	↓	↓
12 meses	-0.469	-0.483	0.014	-0.002	-0.220	↑	↓	↓

### OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):		Variação (p.p.):			Tendência		
	13-nov-20	6-nov-20	semana	1 mês	2020	Semana	1 mês	2020
Portugal	0.09	0.08	0.01	-0.06	-0.36	↑	↓	↓
Espanha	0.11	0.10	0.01	-0.04	-0.36	↑	↓	↓
Grécia	0.77	0.82	-0.05	-0.02	-0.70	↓	↓	↓
Itália	0.66	0.64	0.02	0.00	-0.76	↑	↓	↓
França	-0.31	-0.36	0.04	-0.02	-0.43	↑	↓	↓
Alemanha	-0.55	-0.62	0.07	0.00	-0.37	↑	↑	↓
Reino Unido	0.33	0.27	0.06	0.09	-0.49	↑	↑	↓
Suiça	-0.49	-0.52	0.02	0.00	-0.02	↑	↓	↓
EUA	0.88	0.82	0.06	0.15	-1.04	↑	↑	↓
Japão	0.03	0.02	0.00	-0.01	0.04	↑	↓	↑

### ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado		Variação (%):			Tendência		
	13-nov-20	6-nov-20	semana	1 mês	2020	Semana	1 mês	2020
PSI 20	4381.0	4040.9	8.4%	2.2%	-16.0%	↑	↑	↓
IBEX	7781.2	6870.4	13.3%	13.2%	-18.5%	↑	↑	↓
CAC 40	5377.9	4960.9	8.4%	8.7%	-10.0%	↑	↑	↓
DAX	13073.0	12480.0	4.8%	0.4%	-1.3%	↑	↑	↓
FTSE	6307.9	5910.0	6.7%	5.7%	-16.4%	↑	↑	↓
Eurostoxx 600	385.0	366.4	5.1%	3.8%	-7.4%	↑	↑	↓
S&P 500	3537.0	3509.4	0.8%	0.7%	9.5%	↑	↑	↑
Topix	1703.2	1658.5	2.7%	3.3%	-1.1%	↑	↑	↓
MSCI Emerg	1182.1	1176.4	0.5%	4.0%	6.1%	↑	↑	↑
Shanghai	3310.1	3312.2	-0.1%	-1.5%	8.5%	↓	↓	↑

### CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado		Variação (%):			Tendência		
	13-nov-20	6-nov-20	semana	1 mês	2020	Semana	1 mês	2020
EUR/USD	1.1816	1.1874	-0.5%	0.6%	5.4%	↓	↑	↑
EUR/JPY	123.95	122.71	1.0%	0.0%	1.8%	↑	↑	↑
EUR/GBP	0.8971	0.9025	-0.6%	-1.2%	6.1%	↓	↓	↑
EUR/CHF	1.0810	1.0687	1.1%	0.6%	-0.4%	↑	↑	↓
EUR/AOA	789.91	789.11	0.1%	4.5%	47.1%	↑	↑	↑
EUR/MZN	86.96	87.15	-0.2%	1.9%	25.8%	↓	↑	↑
Petróleo (Brent \$)	42.4	38.8	9.1%	2.9%	-36.2%	↑	↑	↓
Ouro (\$)	1885.3	1951.4	-3.4%	-0.3%	24.3%	↓	↓	↑

## DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.